

WANDIR VIEIRA LEAL SANTOS

ARRUDA ATRÁS DA ORELHA ATRAVESSA O ATLÂNTICO

*Um estudo etnobotânico da simbologia da *Ruta graveolens* L.*

nos ritos de Umbanda

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

COGEAE

2013

ARRUDA ATRÁS DA ORELHA ATRAVESSA O ATLÂNTICO

*Um estudo etnobotânico da simbologia da *Ruta graveolens* L.
nos ritos de Umbanda*

Monografia apresentada para Banca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por Wandir Vieira Leal Santos, como cumprimento das exigências do curso de Especialização em Ciências da Religião, sob a orientação da Profa. Ms. Maria Celina de Queirós Cabrera Nasser.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

COGEAE

2013

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai espiritual, Francisco Rivas Neto, por me conduzir no caminho que une os quatro pilares do conhecimento humano, a ciência, a arte, a filosofia e a religião.

À professora Maria Celina Cabrera Nasser, pelo exemplo de competência ao nos orientar nesta complexa arte da comunicação escrita.

Ao meu esposo pela paciência e incentivo para a realização deste trabalho.

RESUMO

Do conhecimento Botânico emergem saberes que a humanidade vem acumulando em toda a sua história. Evidenciamos, no presente trabalho, as relações estabelecidas entre os homens e as plantas em ritos para obtenção de saúde, harmonia do ambiente e estabilidade emocional no âmbito pessoal e coletivo.

Ao vegetal atribui-se valor simbólico representativo, ao mesmo tempo em que a ele destinamos a sua função medicamentosa. Na ritolurgia das religiões afrobrasileiras, os vegetais são componentes simbólicos que assumem importância capital para a articulação dentro deste sistema, expressando-se em diversas linguagens.

Tomamos para este estudo a *Ruta graveolens* que recebe denominação popular de *Arruda*, planta esta que tem como centro de origem o continente europeu e que no período colonial atravessa o atlântico, passando a integrar-se ao campo religioso brasileiro. Com a multiplicidade de valores culturais que se estabeleceu em nosso país com o processo da colonização, não poderia deixar de ocorrer uma assimilação de conteúdos simbólicos.

Palavras-chave: Etnobotânica – Arruda – Umbanda – Simbologia – Diagrama Floral.

ABSTRACT

As from the Botanic knowledge emerges experiences that humanity has accumulated in its whole history. In the present study, we realize the relations established between the human being and plants through rites to get health, environment harmony and emotional stability for individual and collective scope.

A representative symbolic value is assigned to the vegetable, moreover its medicine function. In the African Brazilian religions' rite liturgy, vegetables are symbolic components that assume significant importance into the system, expressing itself through several languages.

For that study it is presented the plant *Ruta graveolens* which has its popular name as arruda, with European continent as its origin root and during colonial Period crosses the Atlantic ocean, then to be integrated to the brazilian religion field. With the plurality of culture values established in our country with colonization process, It is unavoidable the assimilation of symbolic contents.

Keywords: Ethnobotany – Arruda – Umbanda – Symbology – Diaphragm Floral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA.....	12
CAPÍTULO 2 – SIMBOLOGIA E HISTORICIDADE. Da Europa para o Mundo.....	18
CAPÍTULO 3 – A REVELAÇÃO DA ARRUDA.....	30
CONCLUSÃO.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	40
ÍNDICES DE ILUSTRAÇÕES.....	44

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela planta conhecida como Arruda teve seu início a partir de uma vivência pessoal ainda na minha infância, no Rio de Janeiro. Observei-a sendo usada pelos imigrantes portugueses que abriam suas casas comerciais portando um galhinho da planta atrás da orelha. Minha curiosidade aumentou quando a vi nas mãos das rezadeiras para curar “quebranto” das crianças. Posteriormente, constatei uso desta planta em rituais de Umbanda com certa frequência em frente a residências e estabelecimentos comerciais, o que aguçou ainda mais o meu desejo de conhecer suas propriedades mágicas e fitoterápicas.

Os processos de cura pelas plantas usados nos rituais de Umbanda se mostraram como um campo de pesquisa de grande interesse por sua eficácia, e que também se justifica por manter-se fortemente no imaginário popular durante décadas, resistindo fortemente aos embates criados por outros seguimentos religiosos. Ao adentrarmos, mesmo que muito superficialmente, na relação que nos coloca diante de uma antropologia da religião e uma antropologia médica, os processos de cura a que nos referimos serão explicados à luz de uma religião específica. O tema escolhido tem sua relevância por tratar-se de uma pesquisa, inicialmente, etnográfica que explicita os valores culturais de nosso país, com suas singularidades, unindo saberes da religiosidade popular e os saberes científicos, no que se refere à análise botânica da *Ruta graveolens* L.

A importância do presente trabalho em Ciências da Religião consiste em trazermos, sob uma perspectiva religiosa, conhecimentos da ciência Botânica que se associam, a partir de observações que unem o simbolismo atribuído ao vegetal dentro de um construto que nos remete ao imaginário, trazido pelo europeu em seu catolicismo popular.

O encontro entre a ciência e a religião ganha, ao nosso olhar, uma nova dimensão quando aqui procuramos estabelecer os atributos da planta na Umbanda, uma religião brasileira que abarca procedimentos míticos religiosos de três culturas (indígenas, europeia e africana) que se uniram nos primórdios da colonização. Ao buscarmos o centro de origem da Arruda, investigando sua historicidade, trazemos também a nossa reflexão sobre os seus poderes mágicos, advindos de sua anatomia floral. Estudo este que nos levou a observações empíricas que enriqueceram nossa pesquisa, sob o ponto de vista da mística que envolve esta planta dentro da Umbanda.

Buscando confirmação ao que foi constatado em minhas observações empíricas, quanto à popularidade desta planta em terras brasileiras, com finalidades magísticas, algumas questões precisariam ser respondidas. Citaremos alguns passos dos caminhos de nossa pesquisa para os quais os questionamentos formulados foram direcionando e organizando nosso pensamento. Procuramos estruturar os capítulos dentro da orientação de nosso plano de pesquisa: historicidade, simbologia, transcendência, presença marcante nas ritoliturias. Ao constatar a popularidade deste vegetal no âmbito social e magístico (evita a inveja, dá proteção para os ambientes, entre outros) certamente, existem nela valores transcendentais a serem descobertos, além das propriedades fitoterápicas e os indiscutíveis fundamentos religiosos. Podemos obter respostas analisando melhor a composição botânica e na própria historicidade da planta, visto que, a religiosidade do povo brasileiro se fez resultante da mescla cultural estabelecida neste solo.

Assim, procuro explicitar os usos da planta na ritolurgia da Umbanda, demonstrando a apropriação dos conceitos botânicos do diagrama floral que estabelecem as relações entre o que há de imanente e transcendente neste vegetal. Associamos a

numerologia e a geometria ao diagrama floral da Arruda e obtivemos resultados expositivos de sua simbologia religiosa.

Objetivando clarear os conceitos que interfaceiam a ciência Botânica e as práticas ritualísticas da Umbanda, ressaltamos a complexidade deste vegetal ao inserir-se em um contexto religioso, mágico, alimentado pelo imaginário de vertentes étnicas. O campo religioso brasileiro, em se tratando do uso de vegetais rituais, é vastíssimo, principalmente quando falamos das religiões afrobrasileiras que têm, no vegetal, um depósito da sabedoria ancestral, com seus sistemas simbólicos expressos na anatomia e fisiologia foliar, floral etc. Sendo a Umbanda uma religião que preconiza em sua prática a liberdade e a diversidade nos ritos dos terreiros do país, optamos como referência para esta pesquisa dois autores Woodrow Wilson da Mata e Silva e Francisco Rivas Neto, ambos pertencentes a mesma escola ou linha de transmissão de conhecimentos, para descrevermos os usos litúrgicos da Arruda.

Os conceitos botânicos foram resultado de pesquisa em livros específicos da área que nos ofereceu subsídios para demonstrar a simbologia da planta na concepção da numerologia sagrada da Umbanda. Para uma abordagem etnobotânica da simbologia deste vegetal na Umbanda, utilizei o procedimento dedutivo-indutivo, tendo como ponto de partida uma visão particularizada, empírica que, ao longo da pesquisa, recebeu uma fundamentação teórica, resultante de um resgate histórico da planta. Meu questionamento inicial a cerca do centro de origem e simbologia foi respondida, porém acrescidas no decorrer da pesquisa que certamente não se esgotará nesta monografia. Provavelmente, várias outras questões surgirão, tal é o fascínio que esta planta nos exerce. Uma observação de campo foi realizada sem a pretensão de fazer um levantamento estatístico, apenas constatamos a presença da Arruda à frente das residências e em estabelecimentos

comerciais, compondo o chamado “vaso das sete ervas” bastante usado na cidade de São Paulo como “protetor” contra inveja do ambiente ou de pessoas. A pesquisa bibliográfica nos respondeu as questões sobre os usos ritualísticos, nossas observações empíricas da anatomia floral seguiram o método indutivo. Com o recurso fornecido pela ciência Botânica, mais especificamente a análise da estrutura floral da Arruda, vimos o que ela nos revela de sacralidade. E sob uma perspectiva Umbandista tornou-se ainda mais explícito o valor deste vegetal que traz em si atributos divinos.

Desta forma, o trabalho está dividido em três capítulos: ARRUDA SOB UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA, no qual será trabalhado, o conceito e o histórico da Etnobotânica. Exemplificamos tais definições com as espécies vegetais que fornecerão subsídios para nossas afirmações sobre a transcendência da Arruda. No segundo capítulo; HISTORICIDADE E SIMBOLOGIA - Da Europa para o mundo, focaremos o processo migratório da Arruda com sua finalidade ritual, traspondo valores simbólicos que unem saberes religiosos e terapêuticos. Terceiro e último capítulo: A REVELAÇÃO DA ARRUDA, no qual teremos, à luz da numerologia e da geometria sagrada de umbanda, o desvelar dos segredos da Arruda.

Usamos as ilustrações no corpo do trabalho, com as devidas indicações, como um recurso facilitador para que nossas explanações se tornassem mais explícitas.

CAPÍTULO 1 – ARRUDA SOB UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA

Para que a nossa pesquisa obtivesse os resultados desejados foi necessário que lançássemos mãos de uma ciência que por natureza nos oferece espaço de diálogo entre as mais diversas disciplinas. A Etnobotânica nos possibilitou realizar o trânsito entre diversos campos do conhecimento. Ela está inserida na Etnobiologia, cuja amplitude nos permite estabelecer relações com a diversidade existente entre animais, plantas e as formas de viver do homem.

As relações estabelecidas nestes estudos etnobotânicos que a priori restringia-se a plantas e povos primitivos, com passar do tempo ganhou novas concepções. O americano J. W. Harshberger, em 1895 designou formalmente o termo Etnobotânica, um ano antes de publicar o seu artigo, *The purposes of ethno-botany*, no qual explicita a importância das pesquisas no campo etnobotânico.

Segundo o pesquisador Ulysses Paulino de Albuquerque, podemos entender Etnobotânica como o estudo da interrelação direta entre pessoas e culturas viventes e as plantas do seu meio. Aliam-se: fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas.

À luz desta ciência, podemos pousar o nosso olhar nos fenômenos que envolvem saberes humanos que se relacionam com a vida vegetal, de duas formas estruturais de pesquisa. Uma destas formas é a análise do nível de relacionamento de uma cultura com suas plantas, procurando interpretar e esclarecer a respeito das diferentes formas de comportamentos. Este tipo de análise denominada de Etnobotânica descritiva ou qualitativa é a que optamos, por hora para descrevermos nossa pesquisa. A segunda forma seria uma Etnobotânica quantitativa que nos possibilita comparações e avaliações de significado das

plantas para determinado grupo, bem como, oferecendo dados para preservação de recursos naturais.

As plantas sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos, surgindo a partir de três aspectos que se inter-relacionam: o simbólico, o natural (botânico) e o cultural.¹

*O conhecimento botânico alia mitos, divindades, espíritos, cantos, danças, ritos nos quais verificamos uma perfeita relação dos três elementos mencionados anteriormente, onde o natural e o sobrenatural fazem parte de uma única realidade. Exemplificam isso os ritos de coleta de plantas para as aplicações medicinais ou mágicas; a designação e atribuição de espíritos ou divindades às árvores; as práticas divinatórias, os cantos propiciatórios para, entre outras coisas, liberar a energia curativa ou mágica do vegetal que se emprega para determinado fim.*²

Um legado de grande importância foi deixado à humanidade: a forma de traduzir o conhecimento intuitivo para que este seja compartilhado com os demais em seu grupo familiar ou étnico. Os povos, aos quais a sabedoria era transmitida pela força da oralidade e que preconizavam a precisão da comunicação unida à sacralidade do Verbo, traziam a ciência vinculada a tais princípios essencialmente éticos. Temos nos povos africanos e ameríndios o traço cultural alicerçado nos saberes adquiridos por fontes inspiradas na natureza que nela buscaram as respostas para seus questionamentos. A Etnobotânica permite-nos tomar contato com a diversidade de olhares sobre o reino vegetal que o homem procura ter para usufruir valores estéticos e nutricionais, assim como os efeitos medicomagísticos proporcionados pelas plantas.

A observação minuciosa dos aspectos anatômicos e fisiológicos, considerando o que se refere à coloração, textura foliar, aroma e outras possíveis características sensoriais do vegetal, é prática milenar de várias culturas. Tal procedimento baseia-se na similaridade

¹ Ulisses Paulino de ALBUQUERQUE. *Introdução à Etnobotânica*, p.7 .

² IBIDEM, p. 7.

que ocorre entre a forma apresentada com a função desempenhada, pois a forma justificaria a função e, por analogia, dá-se a nomenclatura sugerida. Alguns povos, a exemplo dos Yorubá, utilizam um importante componente para o processo fototerápico: as palavras de poder, os Ofós, que, ao serem verbalizadas junto ao vegetal, agem produzindo o efeito mágicocurativo. Para eles há uma relação entre o nome das plantas e suas virtudes. Exemplificaremos com a nomenclatura utilizada para o guiné, cuja denominação yorubana é *ojúùsàjú*, que significa *respeito ou favoritismo por uma pessoa*. O Ofó proferido é *isàjú* que corresponde à palavra “favor”.³ Os povos indígenas têm no líder espiritual, o pajé, em seu instante medico magístico, um procedimento ritual com a utilização da planta relacionada à sua função curativa, associada aos cânticos, para que o processo fitoterápico transcorra eficazmente.

A uma mesma planta são atribuídas várias propriedades e quando preparadas juntas ganham novas composições curativas. No século XVI, o médico europeu Teofrasto, conhecido como Paracelso disse: Tudo que a natureza cria, recebe a imagem da virtude que ela pretende esconder ali”⁴. Cada planta medicinal leva o sinal que indica suas propriedades. E esta prática taxionômica foi denominada Teoria das Assinaturas, que se baseia na fisionomia do vegetal, revelando a sua função e por correlação semântica o nome vulgar e o latino acompanham-se. Para melhor exemplificar, citaremos as plantas conhecidas como quebra-pedras, encontradas principalmente entre as fendas das rochas. Sua aplicação terapêutica, já comprovada, refere-se à eliminação de cálculos renais, utilizando-se do chá de suas folhas miúdas e reniformes. “As saxifragáceas atacam tão eficazmente os cálculos renais como atacam as rochas em cujas fendas crescem; assim

³ Pierre Fatumbi VERGER. *Ewé, o uso das plantas na sociedade iorubá*, p.41.

⁴ Mara Zélia de ALMEIDA. *Plantas Medicinais*, p.180.

como o quebra-pedra, de reconhecida ação sobre os rins (auxilia na eliminação dos cálculos renais)”⁵; a nomenclatura latina refere-se, também a esta função, *Saxifraga granulata* L., do latim *saxum*, pedra, e *frangere*, quebrar.

A planta *Ruta graveolens* L., que no momento é foco de nossos estudos, será observada dentro do sistema de classificação elaborado pelo cientista sueco Carl Von Linné (1707-1778). É de sua autoria a nomenclatura binominal que classifica os seres vivos por gênero (primeiro nome) e espécie (segundo nome), seguindo a terminologia latina utilizada até hoje nos compêndios botânicos. Citaremos algumas de suas características botânicas que ilustram sua trajetória pelo mundo, onde ela recebeu denominações diversas.

A *Ruta graveolens* L. (foto da página 16) é originária do sul da Europa, popularmente conhecida como: Arruda de jardim, Arruda-doméstica, Arruda-sativa, ruta-hortensis, Arruda-fedorenta, ruta-de-cheiro-forte, erva alegre, Arruda-de-cheiro-forte, fruta-de-cheiro-forte, Arruda-das-vinhas, Arruda-da-folha-miúda, Arruda-macho, Arruda-fêmea. Nos outros países, Herb of Grace e Rue (Inglaterra), Herbe de Grace e Rue des jardins (França), Raute (Alemanha), Ruda (Espanha), Ruta (Itália). O nome *Ruta* vem da palavra latina *rus* que significa fluxo sanguíneo e *graveolens* significa cheiro forte.

⁵ Idem. *Plantas medicinais*, p.181.



Ruta graveolens L. (Foto: Wandir Vieira Leal Santos)

Mellie Uyldert em sua interpretação sobre a Arruda nos diz: “Até seu aspecto é excepcional, pois apresenta flores em grupos de quatro com um grupo de cinco parte superior. Essa combinação mostra a matéria (quatro) governada pela vontade (cinco)”⁶.

⁶ Mellie UYLDER. *A magia das plantas*, p. 97.

A planta é uma representante da família das rutáceas, aromática e estimulante. É uma planta subarbustiva ou herbácea, lenhosa, que apresenta caule ramificado, pequenas folhas verde-acinzentadas ou verde-azuladas e alternadas. As flores também são pequenas e de coloração amarelo-esverdeada. A Arruda se dá muito bem em solos levemente alcalinos, bem drenados e ricos em matéria orgânica. A planta necessita de sol pleno pelo menos alguns instantes do dia. Sua propagação se dá por meio de estacas ou sementes. As folhas e os brotos tenros devem ser colhidos entre setembro e maio, para preservar melhor suas propriedades aromatizantes.

Povos tradicionais descrevem em sua trajetória o papel das espécies vegetais relacionadas aos seus contatos com as divindades.

A sabedoria milenar trazida pela matriz europeia, provinda de um catolicismo denominado popular, predominantemente no período colonial, será por nós apenas delineada. Todavia, não deixaremos de salientar a sua inegável contribuição na construção do campo religioso brasileiro principalmente no que tange ao tema, hora por nós abordado.

CAPÍTULO 2 – HISTORICIDADE E SIMBOLOGIA: ARRUDA - DA EUROPA PARA O MUNDO

Arruda também se muda
Do sertão para o deserto
Também se ama de longe
Quem não pode amar de perto⁷



Figura-1 As vendedoras de Arruda de Debret (séc.XIX)⁸

A popularidade e a adaptabilidade desta planta a regiões indiscriminadas do planeta e suas confirmadas virtudes fizeram com que os portugueses a trouxessem para o Brasil. No período colonial, a sua presença marcante nas terras brasileiras foi assimilada aos costumes africanos.

⁷Quadra de poesia popular, colhida em Minas Gerais e Ceará registrado por C.Gois, em Mil quadras populares brasileiras, Rio de Janeiro 1916.

⁸ Sangirardi JUNIOR. *Plantas Eróticas*, p.64.

Jean Baptiste Debret⁹ retratou em sua obra pictórica, negras mucamas que todas as manhãs, na capital da colônia, vendiam a planta nas ruas a dez réis o galho e segundo o artista no dizer de Sangirard Jr. para estas servia de talismã preventivo contra sortilégios, colocadas atrás da orelha, nos cabelos e até mesmo nas "ventas". As mulheres brancas e abastardas em geral as traziam escondidas no seio. Tal comportamento nos exemplifica prestígio desta planta ao atravessar o atlântico.

Planta nativa do Mediterrâneo que nos revela em sua historicidade o valor simbólico e sua conotação religiosa e magística.

Nas citações de obras literárias de Shakespeare, em Ricardo II e em Hamlet, a Arruda surge com um forte apelo simbólico. Em Hamlet há uma cena na qual Ofélia fica com um ramo de Arruda para si e outro dá para a rainha. Para Ofélia, a planta significaria "as dores imerecidas em quanto para a rainha significaria as dores nascidas do remorso". Em Ricardo II, o jardineiro planta a Arruda no lugar onde a rainha havia derramado uma lágrima e era a amarga erva do perdão e também da tristeza, e ali ficaria para sempre em memória da pranteada rainha.¹⁰

Vimos que o valor simbólico desta planta surge em diversos contextos culturais e que o citado autor inglês menciona a Arruda como a "erva sagrada dos domingos", por ser este o dia da semana reservado para os exorcismos na Inglaterra.

Vassourinhas feitas com seus ramos serviam para espargir água-benta sobre os fiéis nas missas solenes. Na Idade Média, era considerada uma proteção poderosa contra as feiticeiras. Nos tribunais ingleses do século XVIII, ramos de Arruda eram colocados nos bancos para evitar as *doenças de cadeira*, que eram transmitidas pelos assentos.

⁹Participante da missão artística no Brasil liderada por Joaquim Lebertonem 1816, atendendo a solicitação de Dom João VI. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil pp.168-169.

¹⁰ SANGIRARDI JR., *Plantas Eróticas*, p.64.

O uso da Arruda ao longo da história vem sendo confirmado pelas literaturas, seja no campo fitoterápico, mágico, religioso ou simbólico.

Dioscórides, médico dos exércitos de Nero, que viveu na Grécia no século I de nossa era, já apregoava os valores mágicos da Arruda quando dizia que a planta tinha grande força contra os espíritos malignos e contra toda sorte de feitiçaria. Acrescentava ainda que a Arruda plantada debaixo de uma figueira cresce mais viçosa e mais doce devido à grande amizade entre as duas.

A Arruda se difundiu pela Europa até o norte e transpôs os Alpes. Era comum seu cultivo nos claustros por sua fama de anafrodisíaco. Era recomendada aos religiosos que, para manterem a castidade, usassem constantemente Arruda nos alimentos e bebidas.¹¹

¹¹ Maria Thereza Lemos Arruda CAMARGO, *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I*, p.13.



Figura-2

Na ilustração, Ofélia explica o significado de certas plantas em “Hamlet” de Shakespeare¹².

Vimos nas citações anteriores exemplos nos quais a planta ocupou espaço descritivo de suas funções em uma etnobotânica descritiva literária.

¹² SANGIRARDI JR., *Plantas Eróticas*, p.63.

Em nosso trabalho, o valor simbólico do vegetal encontra-se descrito em sua forma e função, em uma interação de conceitos. A planta não significa algo, ela o é. Portanto, vista e concebida como parte integrante das divindades. Esta herança da cultura africana na qual os seres da natureza contêm divindades encerram princípios que fundamentam a religião. Os vegetais impressionam nossos sentidos e por meio deles buscamos significados que nos levam a construções simbólicas em diversas dimensões do pensamento humano.

*O símbolo apresenta uma série de compreensões e dimensões trabalhadas, seja na linguagem, seja pela filosofia ou psicologia; e, em cada área, uma certa diversidade de definições. As leituras possíveis do símbolo passam da simples representação de alguma coisa até a revelação dos segredos do inconsciente, conduzindo aos labirintos da ação, abrindo espaço para o desconhecido e o infinito.*¹³

As religiões afrobrasileiras operam, em seu sistema simbólico no que se refere às plantas, em um construto analógico em que as partes anatômicas, fisiológicas e mágica do vegetal encontram-se em perfeita consonância no contexto teológico a que se destina.

Quanto aos usos rituais afrobrasileiros, a pesquisadora Maria Thereza de Arruda Camargo menciona relato do sociólogo francês Roger Bastide (1973:211): “ainda hoje encontramos, nas fazendas, negros velhos que nunca deixam de trazer um ramo de Arruda atrás da orelha”. Segue a autora mencionando as observações feitas pelo sociólogo em seu trabalho sobre as macumbas paulistas, no qual registra a presença da Arruda junto à palma benta, guiné, bálsamo, alecrim, cabeças-de-alho, sal e algumas brasas usadas para defumar o paciente – “10 vezes no peito, 19 vezes dos lados, 7 vezes no rosto, recitando preces católicas e espíritas; em seguida coloca o prato ainda fumegando sobre os joelhos do

¹³ M. C. Q. C. NASSER, *O que dizem os símbolos?* pp. 25 e 26

paciente e lhe dá um ramo de Arruda que deve enrolar 3 vezes nas mãos, cheirar e guardar depois no bolso do palito”.

Vemos nesta pesquisa os elementos simbólicos, representados por linguagem verbal das rezas de tradição católica e os gestuais seguidos por um ritmo de representação numérica. Neste conjunto de valores simbólicos opera-se a magia. “Benzedores e rezadores costumam se utilizar de raminhos de Arruda durante os benzimentos para afastar mau-olhado e quebranto, conforme documentado em pesquisa em Ibiúna, SP”.¹⁴

O catolicismo implantado no Brasil coloniza que se tornou conhecido como catolicismo popular, permitiu estabelecer pontos de conexão, entre as religiões de matriz afroameríndia por associações diversas. A presença de vegetais na liturgia das três matrizes (europeia, africana e ameríndia) que aqui se uniram, trocando saberes, assimilando valores culturais que enriqueceram o universo florístico de informações várias, incluindo aquelas ligadas aos processos magísticos.

Prosseguiremos agora, estabelecendo as relações entre as finalidades fitoterapêuticas e aplicação dentro de uma ritualística umbandista.

A medicina popular deixa-nos um legado de grande valor, dela recebemos informações sobre os processos de cura não só dos males físicos quanto na dimensão biopsicossocial.

“Muitas preparações populares denominadas garrafadas são utilizadas com o propósito de aumentar o fluxo menstrual. Essas indicações em geral, têm como objetivo final a ação abortiva. Nessas bebidas, é comum a presença da Arruda. A mistura de Poejo, Losna, Arruda e Cebolinha-branca, macerada em vinho, na Bahia é chamada de “meladinha”, sendo muito usada com o objetivo de eliminar restos placentários no pós-parto. A mesma bebida é também oferecida aos que visitam o recém-nascido, como um ritual de boas vindas e sorte. O Poejo e a Losna são muito indicados para diversos

¹⁴ Maria Thereza Lemos Arruda CAMARGO. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros* I, p. 14.

sintomas das chamadas “doenças de senhoras” ou “doença de ventre”.

O uso popular confirma indicação abortiva da Arruda, em medicina popular de vários países, com atividade antifertilidade confirmada em ensaios farmacológicos pré-clínicos. A Ruta é rica em cumarinas, classe de substâncias químicas bioativas de reconhecida ação antiespasmódica. Produzem ainda flavonoides, principalmente rutina e óleo essencial que lhe confere o aroma intenso e peculiar.

O extrato aquoso da Arruda em ensaios biológicos pré-clínicos, segundo a literatura, potencializou a ação de alguns tipos de anestésicos e alterou a coordenação motora de camundongos¹⁵.

A Arruda apresenta alcaloides quinoleicos no caule folhoso. Estes compostos azotados complexos, capazes de produzir efeitos fisiológicos, geralmente são venenos vegetais muito ativos, dotados de uma ação específica.

Rutina age no controle de pragas e patógenos pulgões cochonilhas e alguns ácaros. Reforça a parede dos vasos sanguíneos, evita varizes. Atua beneficiando nos casos de fragilidade capilar de maneira idêntica à vitamina P e por isso é utilizada no tratamento dos hipertensos e em certos estados hemorrágicos. Apresenta propriedades anti-hemáticas e emenagoga abortiva. As folhas secas desta planta são boas para combater piolho.

Uso da Arruda adicionada ao ginkgo biloba e à castanha da Índia produzem um princípio ativo denominado venoxyl, utilizado para promover estímulo da microcirculação sanguínea, tem efeito antisséptico e antiinflamatório, vasoprotetor, denominado de fragilidade capilar. Este princípio ativo age também como antirradicais livres e tonificantes. Óleos essenciais: decanoma, metilnonilcedona e metilheptilcetona. São substâncias que possuem efeitos calmantes ao serem inaladas. As cetonas da planta podem promover reação alérgica.

¹⁵IBIDEM. pp. 92-93.

Na homeopatia usa-se a planta fresca, colhida antes da floração. É administrada como *Ruta* D1 ou em dinamizações superiores. Para juntas endurecidas, usar *Ruta* D30¹⁶.

Vemos que a *Ruta graveolens* L. aparece sob várias formas em indicações terapêuticas, desde a sua utilização nas terapias tradicionais aos estudos fitoquímicos mais recentes. Isto nos mostra que muita investigação ainda poderá ser feita sobre esta planta.

E para falarmos do aspecto magístico da Arruda, iniciaremos conceituando rito liturgia no contexto umbandista para que tenhamos mais clareza em nossa descrição quanto à atuação do vegetal neste processo.

Para nós, liturgia não é apenas o sinônimo de rito ou rito público; são as formas, meios, atos, posições e objetivos usados dentro de um ritual. A vestimenta, esta ou aquela posição, a pronúncia desta ou daquela palavra, a postura vibratória, fazem parte de um contexto, o qual chamamos rito liturgia. Esperamos que fique bem claro que, daqui para a frente, rito liturgia é para nós um contexto em que se enquadram: preparação, atração das correntes e manipulação dessas correntes. No caso de Entidades Espirituais, o processo é o mesmo: preparação astral e física do ambiente; evocação das ditas Entidades; o trabalho dessas Entidades¹⁷.

Existem vários modelos de ritos nas religiões afro-brasileiras que refletem a diversidade de formas de transmissão de conhecimentos. Este fenômeno social e religioso foi concebido por Francisco Rivas Neto com a seguinte definição: Essas várias formas de entendimento e vivências das Religiões afro-brasileiras denominamos Escolas¹⁸.

Há também inúmeras ervas rito-litúrgicas, utilizadas pelas entidades espirituais ao se manifestarem. Elas estão sempre presentes nos processos ritualísticos de iniciação dos filhos de terreiro, sob a forma de banhos e defumações, ou mesmo em ritos públicos para os frequentadores do templo. Os consulente que chegam aos terreiros buscam nas entidades

¹⁶Mellie UYLDERT. *A magia das plantas*, p.98.

¹⁷ Francisco Rivas NETO, *Umbanda, A Proto Síntese cósmica*, p. 268.

¹⁸ Idem, *Escolas das Religiões Afro-brasileiras*, p. 25.

espirituais que se manifestam na Umbanda o atendimento de alguma de suas necessidades, seja no campo afetivo, na melhora do estado físico, ou de algum desconforto espiritual e material. As ervas são consideradas elementos de grande poder energético, capaz de repor energias ou de eliminar elementos deletérios. A Arruda é muito usada, principalmente pelas entidades espirituais, quando os seus médiuns incorporam Pretos velhos e Caboclos, embora toda a dinâmica desta liturgia seja permeada pelo uso de outras plantas.

Independentemente do local em que estejam, em jarras ornando a mesa do “congá” ou frente às “casas de forças”, portões de entrada do terreiro, as ervas são elementos de equilíbrio do ambiente e de todo o processo magístico a serem executado pelas entidades espirituais. Na ritolurgia, a aplicação das ervas se estende, atingindo o corpo físico e os campos mental e emocional do indivíduo. Nas plantas verdes são utilizados seus componentes: água e a terra presentes nos minerais que a constituem, podendo representar a nossa parte física. No momento da defumação, é o fogo que libera essência da erva sagrada, que ao ser inalada desperta o campo das emoções e sentimentos. Finalmente, o elemento ar e nele a fragrância volátil das ervas, atingindo o mais sutil e intangível do ser humano - o campo mental.

Nos ritos de Umbanda, as três matrizes formadoras do povo brasileiro contribuem com sua religiosidade. Nas diferentes escolas umbandistas, tais manifestações religiosas fazem apresentar-se com a predominância afra, ameríndia ou europeia. Na Umbanda, esta mescla cultural-religiosa possibilita uma maior absorção dos valores essenciais e fundamentais inerentes a ela e que não se restringe apenas às manifestações externas.

Para algumas Escolas Umbandistas, a Arruda é planta que recebe os influxos diretos do orixá Oxalá, cujo dia da semana é domingo e o astro regente é o sol.

As ervas ou plantas da linha de Oxalá foram rigorosamente selecionadas. São solares. São conhecidas e comprovadas as suas virtudes terapêuticas e astrais, além de outras qualidades e ligações mágicas devido a essas condições; o sumo dessas ervas são os mais apropriados para as fixações ditas como 'amacys de cabeça'. O sol é nosso centro de força e luz; irradia a vitaliza tudo. Todas as coisas sofrem a sua influência direta. Essas plantas que estão sempre carregadas de sua energia, de seu 'prana', podem ser usadas por todos, pois só farão bem.¹⁹

Oxalá é o orixá que dentre tantos atributos desperta nos indivíduos a virtude da fortaleza, o encorajamento, clareza de ideias. O chacra ou centro de força em que atua é o coronal localizado no alto da cabeça. Abaixo, encontra-se o chacra frontal, correspondente ao orixá Yemanjá, cujo atributo principal é o discernimento que neutraliza a leviandade. Dessa forma, tanto a Arruda-macho (quando colhida à luz do dia) como a Arruda-fêmea (quando colhida à noite) encontram-se relacionadas ao campo mental do indivíduo, ao mesmo tempo que ao chacra genésico, se considerarmos que é uma erva que recebe influxos do orixá Oxalá com intermediação para o orixá Yorimá, Orixá da sabedoria que se manifesta nos rituais como “pretos velhos” estabelecendo, assim, um eixo de ligação entre a ideação e a criação.

É interessante observar que a medicina natural qualifica esta erva como a grande fortalecedora da consciência²⁰. Como descrito anteriormente, pode ser usada de forma terapêutica para os olhos, assim como no aparelho genito urinário. Na antiguidade, era usada para auxiliar partos difíceis.

É uma planta solar, com ciclo de vida longo, que esbanja vitalidade. Por ser uma planta solar, o sumo é empregado no amacy, junto com guiné, levante, maracujá e erva-cidreira. A *Arruda-macho* juntamente com outras ervas é utilizada na imantação

¹⁹Woodrow Wilson da Matta e SILVA, *Mistérios e práticas na lei de Umbanda*, p.124.

²⁰ Mellie UYLDERT, *A Magia das Plantas*, p. 98.

astromagnética dos elementos de autodefesa do Congá, local também denominado pegí ou cabeça de axé do terreiro. As folhas de Arruda são também utilizadas em rituais para o preparo magístico das pembas, brancas ou de qualquer cor, servindo para Caboclos, Pretos Velhos e Crianças de todas as linhas vibratórias. A utilização se dá por meio de uma infusão ou sumo de ervas solares que servirão para banhar as pembas, tipo de giz usado para grafar os sinais sagrados de umbanda.

A Arruda é muito usada nos incensos e suas folhas secas na queima das ervas sagradas (defumações). Na liturgia umbandista, vários cânticos para defumação citam o seu nome como pode ser exemplificado em um dos “pontos cantados” que diz: (domínio público).

*“Defuma com as ervas da jurema
Defuma com Arruda e guiné...
Alecrim, benjoim e alfazema,
Vamos defumar filhos de fé.”*

Também é denominação de entidades espirituais, inclusive denominando a falange da entidade denominada Caboclo Arruda, conforme textualmente descrita por Decelso²¹ no cântico sagrado da Umbanda.

*“Fui buscar o meu “Congá”
Que deixei lá na Ruanda
Aqui está caboclo Arruda
Pra vencer essa demanda.
As falanges do Arruda
Têm sempre boa vontade
Andam por toda parte
Espalhando a Caridade.*

²¹ M. DECELSE, *Umbanda de Caboclos*, p. 142. Citado por Maria Thereza Lemos de Arruda CAMARGO, *Plantas Medicinais e de Rituais Afro-brasileiros I*, p.14.

*São de força e ação
Do nosso Pai Oxalá
Elas têm proteção.”*

É erva utilizada em vários rituais como catimbó e pajelanças. Nos banhos, está presente para afastar “olho gordo” e má sorte, e faz parte dos banhos de cheiro usados para purificação e defesa. Porém, em algumas casas de Candomblé é considerada como um interdito para seus filhos.

O emprego ritolítico da Arruda, assim como o seu papel nas ciências médicas visa a promover a estabilidade do indivíduo em todos os campos que o integram à vida, ou seja, no âmbito biopsicossocial.

Demonstramos neste capítulo a simbologia desta planta no contexto histórico religioso na qual ela está inserida. No próximo capítulo nos dedicaremos ao que ela poderá nos revelar de sua sacralidade.

CAPÍTULO 3 - A REVELAÇÃO DA ARRUDA

Procurando investigar por diversos ângulos a função magística desta espécie vegetal, vimos no estudo anatômico correlações que melhor explicitassem a função magística desta que perpassa diversos continentes mantendo esta conotação. A estrutura deste vegetal, que mais nos chamou a atenção sob o ponto de vista estético, foi a sua anatomia floral.

Devemos ao mundo árabe o início dos estudos metodológicos sobre a morfologia das plantas. No século XI, Al-Biruni analisou partes que integram regularmente a flor (sépalas, pétalas, estames e etc.) e lançou as bases do que mais tarde se conheceria como diagrama floral, isto é, a representação gráfica dos componentes florais²².

As plantas apresentam uma descrição qualitativa e quantitativa que expressam a sua conexão com o sagrado que pode ser verificado ao observarmos a organização numérica das partes que formam uma flor, por exemplo. Elas são dotadas de padrões harmônicos que se evidenciam na organização geométrica dos vegetais, principalmente em suas flores e frutos, eles exemplificam um epigrama atribuído a Pitágoras, o de que “o limitado dá forma ao ilimitado”. Este é o poder dos limites, afirma Doczi²³. A estrela de cinco pontas era o emblema sagrado da irmandade Pitagórica, seita constituída de homens e mulheres que viviam em comunidade e se abstinham de todos os confortos, dedicando-se apenas a uma vida de moderação e à prática de cura. Os Pitagóricos aplicavam às letras do nome Hygeia, a deusa da cura, as pontas de seu emblema sagrado. Esta estrela permaneceu como símbolo universal de bom augúrio.

²² Site: www.emvid.com.br/pt/mundo/tecnologia2502-a-botanica.html

²³ György DOCZI, *O poder dos limites*, p.7

A linguagem simbólica dos números aritméticos de Pitágoras também foi utilizada para explicar a origem do cosmos. Os Pitagóricos acreditavam na transcendência dos números. A ideia de que os números têm uma existência à parte, que é percebida pela mente humana, mas não é por ela criada, ou seja, a ideia de que os números não são construções lógicas da consciência humana, é sustentada por alguns matemáticos modernos dentre os quais o filósofo, matemático e lógico alemão Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925).

Segundo Pitágoras o Uno agiu sobre a díade originando a série numérica. O Uno constituía o princípio formal ou masculino, enquanto a díade era feminina e material. Para ele o Uno era a divindade suprema e a díade ou dois, constituía a origem da desigualdade e da dissimetria no cosmos.²⁴ O número dez simbolizava toda a hierarquia cósmica uma vez que resultava da soma da sequência de quatro números, $1+2+3+4=10$ que pode ser representado graficamente por um triângulo equilátero, cujo ápice seria o número 1, representando a divindade suprema; abaixo dele o número dois, a expressão do espírito e, posteriormente, o três, simbolizando a alma; na base, o número quatro, a expressão da materialidade.

A correlação existente entre números e formas geométricas faz parte do conhecimento matemático utilizado pela humanidade há décadas, porém nem sempre o associamos à natureza e tampouco o relacionamos aos aspectos teológicos.

Escolhemos uma parte importante do vegetal do qual realizaremos uma descrição anatômica relacionada aos conceitos da numerologia e geometria sagradas. Temos, no Diagrama Floral, a síntese numérica das partes que compõem o órgão reprodutor das fanerógamas.

²⁴ Peter GORMAN, *Pitágoras, Uma Vida*, pp. 155 - 160.

Esta planta apresenta flores amarelo-esverdeadas de quatro pétalas, exceto a flor do pedúnculo central que conta com cinco pétalas, enquanto as demais se agrupam em torno dela. A exemplificação desta disposição das flores nos ramos pode ser observada na fotografia da página dezessete (17) desta monografia.

Os elementos que constituem a flor podem ser representados em uma fórmula contendo o Perianto, conjunto formado pelo Cálice (K) e Corola (C) e na parte mais interna do diagrama estão o Androceu (A) e o Gineceu (G), como poderemos acompanhar em seguida..

Portanto, fórmula do diagrama floral nos fornece por meio de símbolos e número de peças do verticilo floral, obedecendo a seguinte ordem: K, C, A, G,²⁵

²⁵ Fernando Vieira AGAREZ, & Cecília Maria RIZZINI & Célio PEREIRA. *Botânica: Taxonomia Morfologia e reprodução das angiospermae: chave para determinação das famílias*, p.43.

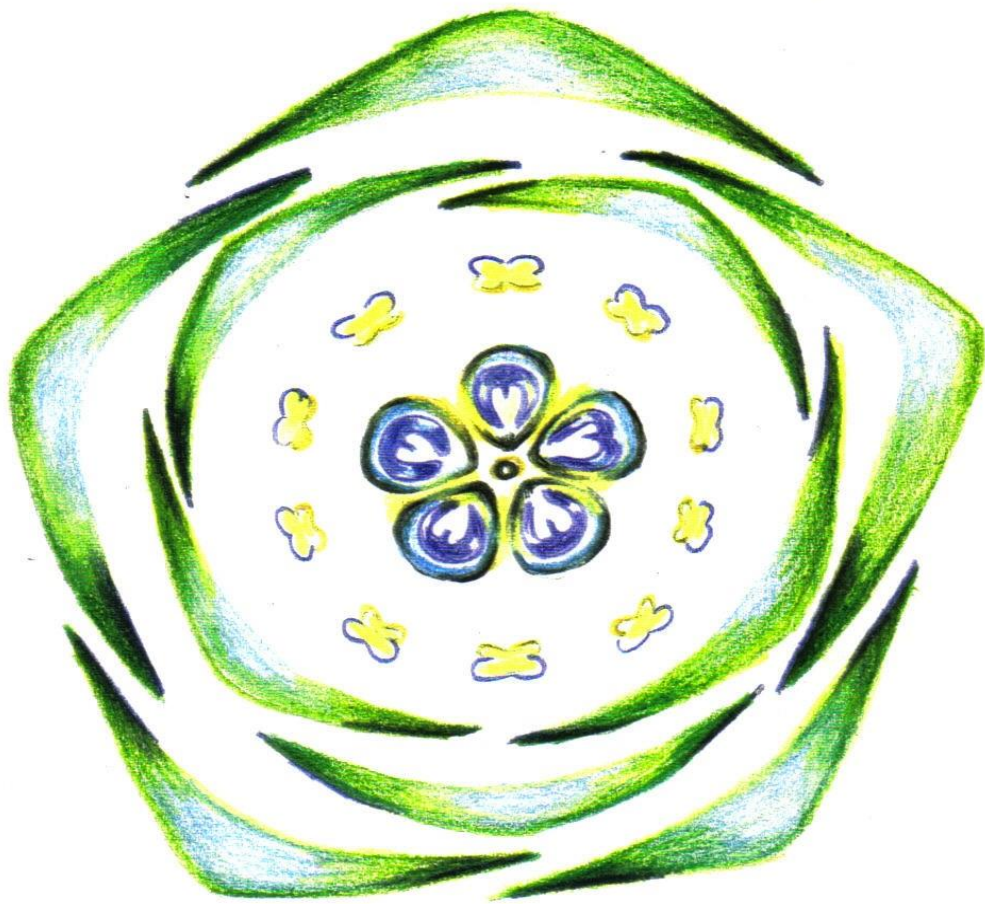


Figura 3 - Diagrama Floral da *Ruta graveolens* L.²⁶

²⁶ Felix RAWITSCHER, *Elementos Básicos de Botânica*, p. 324.

O diagrama da flor da Arruda, representado na ilustração da página anterior que se destina a uma identificação da planta, apresenta a seguinte sequência simbólica e numérica: K=5, C=5, A=10, G=5; tratando-se, portanto, de uma flor pentâmera.

O número de maior frequência na estrutura floral é o cinco que na numerologia sagrada está associado aos elementos dinâmicos.

Dá a ideia de dinamismo, movimento básico. É um símbolo sintético. Síntese da movimentação mágica. É o símbolo plano da Proto Síntese. O homem dominando os elementos. Geometricamente associado ao pentagrama ou pentágono, representativo do orixá Yorimá conhecido na Umbanda pelas entidades espirituais que se manifestam com a denominação de Pretos Velhos, são os senhores da sabedoria cósmica.

Segundo número da sequência é o número 10 é o máximo da década, sendo o símbolo da Lei, como infinitos são os pontos que o compõem. É também o número da realização, sendo associado aos mistérios superiores. Geometricamente associa-se ao círculo²⁷.

Unindo os valores quantitativos e qualitativos às duas representações geométricas temos um símbolo de poder absoluto, na junção das duas figuras geométricas o pentagrama inserido no círculo pode simbolizar a estrutura floral da Arruda.

Chegamos à síntese representativa desta planta de muitos mistérios e que, portanto justificam o fascínio desta por vários seguimentos religiosos.

²⁷ Francisco Rivas NETO. *Umbanda –A Proto Síntese -Cósmica*, pp.242 e 243.



.
Figura 4 - A síntese geométrica da flor da *Ruta graveolens*
L.

O pentagrama inserido no círculo.

O resultado obtido neste estudo, envolvendo valores simbólicos dos conceitos milenarmente trazidos pela Umbanda, associados a ciência Botânica, nos colocou diante de muitas outras perguntas impulsionadoras para futuras pesquisas.

CONCLUSÃO

A etnografia religiosa brasileira é descrita por marcantes episódios históricos, sobretudo no que se refere ao período de colonização portuguesa. A chegada de uma nova concepção religiosa aliada ao processo de dominação europeia criou distorções conceituais entre as culturas.

Os padres da Companhia de Jesus tinham conhecimentos botânicos e noções de primeiros socorros, embora viessem para o Brasil com a incumbência de catequizar os indígenas, que primeiro eram batizados para depois serem curados. Praticavam uma medicina impregnada de espírito religiosa marcada pela fé cristã, semelhante ao que faziam em Portugal. Fugidos da inquisição, médicos de ascendência judaica, aqui chegaram como cristãos-novos, porém tinham concepções diferentes dos católicos que viam a doença como um castigo divino, o que para os judeus a arte de curar era dom divino.²⁸

Com a chegada dos escravos bantos, começam os contatos destes com os indígenas que ao transmitirem seus conhecimentos botânicos e médico magístico, resultando em uma enriquecedora troca de saberes.

Aprendemos com as plantas, que em uma mesma espécie contém princípios ativos capazes de provocar diversas reações, podendo exercer funções psicoativas, com ou sem finalidade ritualística, tóxica ou fitoterápica. Com a teoria das assinaturas do médico suíço Paracelso, vimos que os vegetais nos revelam em sua anatomia sinais de suas

²⁸ Maria Tereza Lemos de Arruda CAMARGO As plantas na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros II –Estudo Etnofarmacobotânico II, p. 3.

especificidades. Temos comprovações nas denominadas “terapias por analogias” que por séculos foram utilizadas pelos médicos, desde a antiguidade.

Povos do continente africano nos ensinam, com sua grandiosa sabedoria, que toda planta tem poder de curar e assim o dizem: “Ewé bobi ni xe gun ”.

A espécie vegetal escolhida para este nosso estudo, revela-nos em sua harmônica estrutura floral, uma organização geométrica simbolicamente expressa através da numerologia sagrada de Umbanda, os seus poderes mágicos. A Arruda é a expressão da religiosidade brasileira, sincrética por natureza. Encontra-se presente nas mãos das rezadeiras e das entidades espirituais nos terreiros de umbanda. A erva, como elemento simbólico, neste caso estabelece um elo entre o terreiro e as residências, entre o imaginário popular e os procedimentos teológicos, ritolíticos.

Para o povo brasileiro ter Arruda em suas casas significa, sem sombra de dúvidas, ter uma planta magnética, captadora de influências nefastas. Embora possuidora de beleza estética, sua flores, pelo pequeno porte, não exhibe exuberância ornamental que justifique encontrá-la ocupando espaços em ambientes até mesmo comerciais.

Homem e planta exercem uma relação histórica, antropológica, sobretudo metafísica. A popularidade do uso da *Ruta graveolens*, registrada em sua historicidade é a memória viva da mescla cultural que se instaurou neste lado do atlântico.

O seguimento religioso que priorizamos neste estudo nos permitiu deslumbrar sob o seu prisma as múltiplas faces de um mesmo vegetal, refletidas principalmente em seu diagrama floral. Trouxe-nos valores numéricos nos quais encontramos modelos explicativos interpretados dentro da concepção umbandista fornecida pela Escola de Síntese trazida pelo escritor Francisco Rivas Neto.

A matriz africana nos dá o ensinamento que tudo que vive está sob a ação de ciclos e ritmos, seguem as leis do universo e tem a sua constituição no austro do Orixá, concretizando-se no mundo da forma pelo Exu, que dentro dos conceitos umbandísticos representam a ideação e manifestação física respectivamente.

Para as religiões afrobrasileiras, o conceito de símbolo, no que se refere ao mundo natural, não é algo que está no lugar do sagrado. A planta traz em si a sacralidade e não apenas o representa, ela é o Orixá. Portanto, ela traduz em sua forma estrutural os atributos divinos e nos cabe decifrá-los.

A Arruda na descrição e organização do seu diagrama floral que a identifica e distingue de outros vegetais, nos permitiu estabelecer analogias entre a sua representação metafísica e suas propriedades fitoquímicas de afugentar insetos e micro organismos que podem causar danos à vida humana. Temos nesta planta o signo do elemento repulsor e sinalizador da presença de agentes indesejáveis, tanto sob o ponto de vista médico quanto magístico.

As propriedades medicinais deste vegetal encontram-se elucidadas com propriedade em literatura específica. Vimos com o presente trabalho que, sob a luz dos fundamentos religiosos da Umbanda, nossa visão pode abarcar outras formas de entendimento acerca dos conteúdos proposto pela ciência Botânica. As interfaces entre as ciências humanas e biológicas clarificaram as conceituações que marcam o campo religioso brasileiro em nossa abordagem etnobotânica religiosa.

O resultado obtido em nossa pesquisa confirmou sob a óptica metafísica os pontos de conexão desta planta com os princípios divinos nela simbolizados.

Nossas observações empíricas, para a elaboração e desenvolvimento deste tema que é inesgotável, foram de grande valia para todo o nosso trabalho, mas principalmente por nos fazer refletir sobre o vasto universo mágico que as plantas podem nos revelar.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Introdução à Etnobotânica*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2005.

AGAREZ, Fernando Vieira; RIZZINI, Cecília Maria; PEREIRA, Célio. *Botânica: angiospermae, taxonomia, morfologia, reprodução: chave para determinação das famílias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Âmbito Cultural Edições Ltda, 1994.

ALMEIDA, Mara Zélia de. *Plantas Medicinais*. 2ª ed. Salvador: Ed. EDUFBA, 2003.

BARROS, José Flávio Pessoa de & Eduardo Napoleão. *Ewé Òrìsà: Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *Plantas Medicinais e Rituais Afro-Brasileiros I*. São Paulo: Ed. Almed, 1988.

_____. *Plantas Medicinais e Rituais Afro-Brasileiros II*. Estudo Etnofarmacobotânico. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

CARVALHO, Maria Cecília Costa e Silva. *Padrões Numéricos e Seqüências*. 7ª impressão. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

CASTRO, Dr. José Lyon de. *Medicina Vegetal, Teoria e Prática conforme a Naturopatia*. Lisboa: Ed. Publicações Europa-América, 1981.

CORRÊA, M. Pio. *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil, Volume VI*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal entre 1969 e 1978, Rio de Janeiro, 1984.

DEBRET, Jean Baptista. *Viagem histórica e pitoresca ao Brasil*. São Paulo: Ed. Martins, 1949.

DECELSO, M. *Umbanda de Caboclos*. Rio de Janeiro: Ed. ECO, 1973.

DOCZI, György. *O poder dos limites*. São Paulo: Ed. Mercuryo Ltda., 1990.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Lisboa, Portugal: Ed. Livros do Brasil, s/d.

FONT QUER, Pio. *Plantas medicinales, El Dióscorides renovado*. Barcelona, Espanha: Ed. Labor, 1973.

FARELLI, Maria Helena. *Plantas que curam*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed, São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

GORMAN, Peter. *Pitágoras, Uma Vida*. 10ª. ed. São Paulo: Ed. Cultrix / Pensamento, 1995.

JOLY, Aylthon Brandão. *Botânica-Introdução à Taxonomia Vegetal*. 5ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.

JÚNIOR, Sangirardi. *Plantas Eróticas*. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1981.

KRIEGER, Leopoldo. *Biologia Vegetal*, apostila de Biologia Vegetal do curso de Botânica, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, s/d.

METRAUX, Alfred. *A Religião dos Tupinambás*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasileira/Ed.Universidade de São Paulo, direitos adquiridos pela Ed. Cia.Editora Nacional, 1979

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

NASSER, Maria Celina de Q.Cabrera. *O que dizem os símbolos?*, São Paulo: Ed.Paulus, 2003.

_____. *O Uso dos Símbolos*. Coleção Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Ed.Paulinas, 2006.

NETO, F. RIVAS (Mestre Arapiagha). *Fundamentos Herméticos de Umbanda*. SP: Ed. Ícone, 1996.

_____. *Umbanda, O Arcano dos 7 Orixás*. 3ª Ed. SP: Ed. Ícone, 1999.

_____. *Umbanda, o elo perdido*, 3ª. Ed, SP: Ed. Ícone, 1999.

_____. *Umbanda- A Proto-Síntese Cósmica*. SP: Ed. Pensamento, 2002.

_____. *Escolas das Religiões Afro-Brasileiras*. SP: Arché Editora, 2012.

PARACELSO. *As plantas mágicas*, direitos adquiridos pela Hemus. São Paulo: Livraria Editora Ltda, 1976.

RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro - 1º. Volume*. 5ª.ed. (Série Memórias Brasileiras; 5). Rio de Janeiro: Ed .Graphia Editorial,2001.

RAWITSCHER, Felix. *Elementos Básicos de Botânica*. 7ª. ed. São Paulo: Cia.Editora Nacional, 1976.

SILVA, W.W. da Matta e, Mestre Yapacani. *Lições de Umbanda (e Quimbanda) Na Palavra de Um “Preto-Velho”*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1995.

_____. *Mistérios e Práticas da Lei de Umbanda*. São Paulo: Ícone Editora, 1999.

UYLDERT, Mellie. 1995. *A Magia das Plantas*, 10ª. edição. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*. 2ª. Edição. São Paulo: Ed. Cia. Editora Nacional, 1976.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Ewé, o uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: Cia.das Letras, 1996.

VILHENA, Maria Ângela. *Ritos: Expressões e propriedades*-Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

SITE

WWW.emdiv.com.br/pt/mundo/tecnologia2502-a-botanica.html

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Foto: *Ruta graveolens* L. 16

Figura-1: Vendedores de arruda 18

Figura-2: Ofélia 21

Figura-3: Diagrama Floral da *Ruta graveolens* L. 33

Figura-4: A síntese geométrica da flor da *Ruta graveolens* L. 35